



## “UMBANDOMBLÉ”: IDENTIDADES RELIGIOSAS (RE)VELADAS EM GOIÂNIA E REGIÃO METROPOLITANA

Marcos Antônio Ferreira dos Santos<sup>1</sup>, Mary Anne Vieira Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>marcosdavila@hotmail.com, Aluno do Stricto Sensu do Programa Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás - CSEH

<sup>2</sup> Doutora em Geografia. Professora da Universidade Estadual de Goiás - CSEH. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – TECCER e Coordenadora/Pesquisadora do Centro Interdisciplinar África e Américas – Neab - CieAA - UEG

### Resumo

As religiões de Matriz africana ou afro-brasileiras apresentam-se dentro de um fecundo debate nas áreas das ciências humanas, por ainda estarem atreladas aos múltiplos preconceitos e as dificuldades encontradas para defini-las e caracterizá-las. Elas se apresentam por pluralidades de significados e sentidos territorializados em diversos espaços simbólicos. Propomos investigar o contexto das práticas ritualísticas que evidenciam uma configuração híbrida dos cultos autointitulados, a priori, como “candomblé” e as fronteiras com a Umbanda. Notadamente, esse hibridismo permite reconhecer a existência em Goiânia e Região Metropolitana do “Umbandomblé”. Esse termo é disseminado por múltiplos discursos que o legitimam, ou seja, tanto no plano popular, quanto no acadêmico e de forma tímida entre os praticantes. O caminho teórico centra-se na Geografia Cultural inserindo a análise pelo viés espacial, simbólico e temporal. Além disso, dialogar-se-á com o Pós-Colonialismo e a fenomenologia. Os estudos pós-coloniais fazem oposição ao primado binário, que tanto hierarquiza sujeitos quanto às culturas. O universo afro-religioso será analisado a partir de alguns questionamentos: como os praticantes ressignificam o termo “Umbandomblé”? Como os espaços simbólicos e ritualísticos do “entre lugar” Orixá e Entidade, são demarcados nos terreiros? Essa mescla pode configurar outra identidade religiosa?

**Palavras-chave:** Territórios, Umbanda, Candomblé, Símbolos, Identidades, Pós-colonialismo.

### Introdução

A proposta trata-se, antes de tudo, de trazer para o discurso acadêmico as práticas híbridas que compõem o universo afro-religioso e o reconhecimento de territórios, práticas e vivências híbridas, ou seja, aquelas que ora se configuram como Candomblé, ora como Umbanda. O arcabouço teórico centra-se na perspectiva pós-colonial. Por considerar que essa via contribui para esse estudo, no sentido de possibilitar a abertura de olhares para as identidades híbridas que compõem o campo religioso de matriz africana em Goiânia e Região Metropolitana. A querela da discussão situa-se no discurso que de um lado, reivindica o “purismo”



africano ligado às práticas do Candomblé, devido à naturalização da ausência de fronteiras ritualísticas, de outro lado, na existência das mesclas híbridas da Umbanda. Objetivamos com o estudo, investigar as práticas ritualísticas que evidenciem hibridismos entre estruturas do Candomblé e Umbanda, a fim de compreender as fronteiras discursivas, ritualísticas e simbólicas que formam o Umbandomblé, em Goiânia e Região Metropolitana. Dentre as complexas relações híbridas do Umbandomblé pretendemos identificar as identidades dentro do espaço sagrado, além da configuração discursiva de aceitação ou negação do termo “Ubandomblé” entre seus praticantes.

## Material e Métodos

A transversalidade da pesquisa requer um diálogo com algumas áreas do conhecimento. A partir do campo de investigação assente na Geografia Cultural é possível analisarmos a relação espacial, simbólica e cultural inerentes ao sagrado dentro dos templos que evidenciam a prática do “Ubandomblé”. Ainda faremos inferências da Nova História Cultural, uma vez que permite analisarmos “a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2012, pg. 15).

Recorremos à teoria pós-colonial como aporte para criticar a história unívoca e indiscutível, uma vez que essa considera as histórias plurais reescritas por meio das vozes silenciadas. Essa via teórica permite revisar as dicotomias e binarismos presentes nos discursos coloniais. Assim, o Pós-Colonialismo permite uma empreitada de desconstrução destes discursos, considerando a ação humana como elemento influenciador da cultura.

Elegemos o método da observação participante e alguns procedimentos da etnogeografia. Entendemos aqui a etnogeografia como método, no qual “o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa” (LAPLATINE, 1989, p. 75). A pesquisa realizar-se-á em três casas de cultos afro-religiosos. O primeiro, Ilê Axé Omim Lajé, localizado em Aparecida de Goiânia (região metropolitana), pertencente a nação Angola, onde se evidencia a presença de cultos às entidades



espirituais, elementares da Umbanda. O segundo templo (localizado em Aparecida de Goiânia), Ilê Axé Ojù Obá, de nação Ketu, onde se realizam cultos aos Orixás e as entidades espirituais. Por fim, o Ilê Axé de Obaluayê, localizado na cidade de Goiânia que também evidencia o culto aos Orixás e as entidades umbandistas.

Além dos dados coletados na pesquisa a partir de entrevistas, faz-se necessário o uso do método histórico para identificar as estruturas das religiões de matriz africana e afro-brasileiras.

## Resultados e Discussão

Os efeitos das colonialidades de poder exercidos sobre os sujeitos e as práticas culturais, vistas como subalternizadas e invisibilizadas, ainda são reentrantes no território goiano. Recorremos às teorias pós-coloniais por considerar que elas, não se ocupam apenas da compreensão das novas dinâmicas de dominação, mas possibilitam novas situações de reflexão e de posicionalidades de agentes. Ainda promovem outras interpretações intersubjetivas das realidades socioculturais, contrárias àquelas tidas por dominantes.

Dentre os resultados parciais, inferimos que determinadas práticas culturais são vistas por construtos de linguagem que fazem alusão as semânticas negativadas. Essas geralmente são associadas aos paralelos assumidos como inferiores. Os reconhecimentos das práticas afro-brasileiras pelos segmentos hegemônicos são produzidos por discursos que negativam e subalternizam outros que não partilham de seus conjuntos de crenças, saberes e outros.

A linguagem para os pós-coloniais é central à medida que por meio dela situações de subversão da ordem das coisas, dos conceitos e dos constructos eurocêntricos, podem ocorrer nos interstícios da sociedade. É por meio dela, também, que se fazem os exercícios que, fundamentalmente, operam como componentes políticos de reconhecimentos identitários. E ainda acreditamos que as lógicas que imputam preconceitos, discriminações podem romper com novos enunciados que adotam o reconhecimento do Outro.

Para o estudo proposto, consideramos que um dos segmentos que compõe as religiões de matriz africana, – é o Umbandomblé. Para a afirmação da presença



dessa vertente religiosa que conflui ora o candomblé, ora a umbanda, tornam-se importantes alguns apontamentos.

- a) A umbanda, para NOGUEIRA, (2009, 2017) se vê presente de forma institucionalizada, com o surgimento da Federação de Umbanda de Goiás, que segundo o registro data-se de 1969. Para o autor a prática da Umbanda, se faz concomitante aos processos de ocupação do território goiano.
- b) Nos principais argumentos advindos dos estudos defendidos nas universidades goianas, o Candomblé só aparece a partir de 1970, com a chegada do Babalorixá João de Abuque.
- c) Para o caso do Umbandomblé, vê-se que seu surgimento é anterior aos construtos apontados pela academia, uma vez que tanto o candomblé quanto a umbanda, já se faziam presentes em Goiás, antes da década de 1970, como afirmam alguns pesquisadores.

## Considerações Finais

A mescla religiosa entre o candomblé e a umbanda, reconhecida aqui como Umbandomblé, tem sua estruturação ainda hoje, por meio de intensos processos de invisibilidades, agravados pelo desconhecimento de grande parte da sociedade goiana. Ainda, é possível notar que o dito processo de invisibilidade é continuado/legitimado pelas comunidades de religiões de matriz africana, uma vez que as mesmas continuam por escamotear suas identidades. O “Ubandomblé” como mescla é uma religião que se encontra estruturada nas fronteiras de outras religiões.

Para a construção e aplicabilidade do conceito de hibridismo vale destacar que o termo “Ubandomblé” não está inserido apenas em linguagem popular, uma vez que, podemos ver o uso desse jargão em discursos acadêmicos.

## Agradecimentos

### REALIZAÇÃO



*Agradecemos ao Programa Stricto Sensu Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás. A UEG por conceder a bolsa de incentivo para o desenvolvimento da pesquisa.*

## Referências

LAPLATINE, François. **Aprender Antropologia**. 2ª ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **Umbanda em Goiânia: Das origens ao movimento federativo (1948-2003)**. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: UFG, 2009.

GARCÍA CANCLININI, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. – 4 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 4. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2012.

ORO, Pedro. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e presente. In: **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, nº 2, 2002, pp. 345-384. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Material%20para%20Umbandomble/Pedro%20Oro.p](file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Material%20para%20Umbandomble/Pedro%20Oro.pdf) df Acesso em 09/03/2017.

---

### REALIZAÇÃO